

EVOLUÇÃO GEOLOGICA DO CINTURÃO DOM FELICIANO EM SANTA CATARINA

Miguel A.S. Basei - Instituto de Geociências da USP

Umberto G. Cordani - Instituto de Geociências da USP

O Precambriano de Santa Catarina é constituído por duas entidades geotectônicas maiores. O Craton de Luiz Alves, que ocupa a porção setentrional da área, sendo caracterizado por associações litológicas de médio a alto grau, com idades radiométricas arqueanas e do Proterozóico Inferior, e o Cinturão Dom Feliciano, com evolução geológica característica do ciclo orogênico Brasiliano, no final do Proterozóico Superior.

Uma secção completa do Cinturão Dom Feliciano é observada na porção oriental do Estado de Santa Catarina. No cinturão a vergência é NW rumo ao Craton Luiz Alves e o metamorfismo cresce para SE. Numa secção NW-SW, três unidades tectônicas principais são caracterizadas:

- 1) Na parte NW, repousando discordantemente sobre o Craton Luiz Alves, o Grupo Itajaí é representado por espesso pacote de sedimentos (anquimetamórficos) de predominância turbiditos. Preenche uma antefossa molássica sendo afetado pelas últimas fases de deformação do cinturão, e pela intrusão do Granito Subida, e de rochas subvulcânicas ácidas.
- 2) Na faixa central, o Grupo Brusque é constituído por metassedimentos de fácies xisto verde a anfibolito onde predominam variedades arenopelíticas na base, que passam a carbonáticas rumo ao topo. Importante vulcanismo básico-ultrabásico pré-deformação é reconhecido, evidenciando as 5 fases de deformação regionalmente observadas. Duas gerações de granitos afetam essas rochas; a mais antiga mostra-se foliada e corresponde a biotita (anfíbólio) granitos grosseiros sempre com mega-cristais de microclínio (Suíte Valsungana). A segunda é representada por biotita (muscovita) granitos inequigranulares e isotropos (Suíte Guabiruba).
- 3) Na porção SE dominam completamente as rochas graníticas, sendo comuns corpos associados a migmatitos cortados por granitóides de diferentes gerações (Suítes S.P. Alcântara e Pedras Grandes), sugerindo a existência de um ativo arco magmático no final do Proterozóico. (A continuação do texto, consultar os autores)

B.C.

AS FAIXAS MOVEIS PROTEROZOICAS DE GOIAS: ESTADO DE CONHECIMENTO

Reinhardt A. Fuck — Departamento de Geociências - Universidade de Brasília

Apesar das controvérsias relativas à estratigrafia e tectônica e da falta de um suporte adequado de determinações geocronológicas, os conhecimentos geológicos obtidos nos últimos anos têm levado a distinguir pelo menos três estágios na evolução proterozóica em Goiás. Ao Proterozóico Inferior são atribuídas as sequências vulcano-sedimentares de Palmeirópolis, Indaiatãpolis e Juscelândia justapostas aos maciços máfico-ultramáficos de Cana Brava, Niquelândia e Barro Alto; a sequência metassedimentar da Serra do Cantagalo, associada ao greenstone belt da Serra de Santa Rita; e os xistos e gnaisses da Formação Ticunzal, sobreposta a gnaisses tonalíticos e granodioríticos arqueanos. Há sugestões de que essas sequências seriam o resultado de evolução geológica relacionada ao Ciclo Transamazônico. As extensas exposições de xistos, quartzitos, e gnaisses, que integram os grupos Araxá, Serra da Mesa e Aral e a Formação Canastra, são em geral consideradas do Proterozóico Médio e atribuídas ao Ciclo Uruaçuano, não obstante as muitas controvérsias relativas às relações dessas unidades com as sequências vulcano-sedimentares, de um lado, e com as unidades da Faixa Brasília, de outro. O terceiro estágio evolutivo é representado pela Faixa Brasília. Formada durante o Ciclo Brasiliano, a faixa margela a borda oeste do Craton São Francisco, e é cons-